

História dos conceitos e história dos discursos: algumas considerações

History of concepts and history of speeches: some considerations

Daiana Pereira Neto¹

daianapneto@hotmail.com

Mariane Ambrósio Costa

mariane.ambrosio@yahoo.com.br

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo inicial realizar considerações acerca do debate travado entre a História dos Discursos ou Contextualismo Lingüístico, compreendida por grandes nomes dentre os quais, Quentin Skinner e Jonh Pocock e a chamada História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) que tem como nome de destaque Reinhart Koselleck, ambas vertentes da chamada Nova História das Idéias, e posteriormente, demonstrar uma forma de aplicabilidade do método, na obra *O Espelho de Próspero*, de Richard M. Morse.

Palavras-chave: Contextualismo Lingüístico, História dos conceitos, Richard Morse.

Abstract

The follow article intends to make considerations about the debate between the “History of Speeches” or Linguistic Contextualism, represented by names such as Quentin Skinner and Jonh Pocock, and the “History of Concepts” (*Begriffsgeschichte*), whose great name is Reinhart Koselleck. Both are sides of the so called “New History of Ideas”. Afterwards, this article intends to demonstrate a form of applicability of the method, on Richard Morse’s *Espelho de Próspero*.

Key words: Linguistic Contextualism, History of Concepts, Richard Morse.

Introdução

Nos anos 1970, o fazer historiográfico passou por uma série de revisões com a queda de muitos paradigmas. Jacques Revel afirma que o modelo tradicional da História Social entrou em crise nesse período, exatamente no momento em que parecia triunfar

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

infindavelmente. Uma série de fatores contribuiu para a crise, a informatização de dados e a especialização dos campos dentro da história mostravam que o fazer do historiador não era tão unificado quanto pensavam. Soma-se a isso a crise de paradigmas dentro das ciências sociais. As inquietações nesse período abriram também novas perspectivas para a História Política, Intelectual e também para a História Social da qual a Micro-História é um poderoso resultado. É também nesse momento de efervescência intelectual que a chamada História das Idéias vai começar a revisar suas metodologias.

O debate sobre as formas metodológicas válidas para a História das Idéias se acendeu quando em 1969 Quentin Skinner publicou “Meaning and understanding in the history of ideas” (SKINNER, 2000), criticando diversos campos da história das idéias políticas, acusando-os sobretudo de incorrerem no erro de anacronismo (JASMIM, 2005, p. 27-38). A partir desse programa básico uma pujante produção historiográfica foi produzida, geralmente identificada sob o título de Escola de Cambridge e representada pela coleção *Ideas in context*.

A chamada história dos conceitos, que tem em Koselleck seu principal expoente, embora tenha iniciado seus desenvolvimentos metodológicos anteriormente aos trabalhos da tradição skinneriana, ganhou destaque nas últimas duas décadas. Essa história como a conhecemos hoje se iniciou com o historiador Otto Brunner e se concretizou no léxico *Geschichtliche Grundbegriffe*.²

Esse trabalho tem como objetivo inicial realizar considerações acerca do debate travado entre a História dos Discursos ou Contextualismo Lingüístico, compreendida por grandes nomes dentre os quais, Quentin Skinner e Jonh Pocock e a chamada História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) que tem como nome de destaque Reinhart Koselleck, ambas vertentes da chamada Nova História das Idéias, e posteriormente, demonstrar uma forma de aplicabilidade do método, na análise da obra *O Espelho de Próspero*, de Richard Morse.

Contextualismo Lingüístico, História dos Discursos, História das Linguagens...

O campo da História das idéias em geral não apresenta uma metodologia específica e única. No entanto, a metodologia defendida por Skinner tornou-se muito respeitada, sobretudo no campo de estudo dos discursos políticos. John Pocock enfatiza

² Usaremos também a sigla GG.

que uma linguagem ou um discurso é no uso dele e de Skinner uma estrutura complexa que abrange um vocabulário, uma gramática, uma retórica e um conjunto de usos, pressupostos e implicações, que existem juntos no tempo e são empregáveis por uma comunidade semi-específica de usuários de linguagem para propósitos políticos, que permite, e por vezes se prolonga até, a articulação de uma visão de mundo ou de uma ideologia (POCOCK, 2006).

Em seu famoso texto de 1969, “Meaning and understanding in the history of ideas”, estão presentes as idéias chave da que ficou conhecida como Escola de Cambridge. Já de início Skinner afirma que a grande dúvida quando se quer trabalhar um texto é: Quais os procedimentos adequados que devemos tomar, quando intentamos alcançar a compreensão de uma obra? Um balanço entre as duas ortodoxias vigentes é então traçado: a história que preza o contexto como a chave de interpretação de um texto e a que defende que o texto é a chave para seu próprio entendimento.

As duas ortodoxias correm o risco de cair no erro máximo do anacronismo histórico. Pois é impossível considerar os textos, principalmente os clássicos sem levar em conta nossas próprias expectativas sobre o que este texto deve ter dito. O pressuposto de que as idéias necessitam de agentes, de homens para criá-las é descartado muito facilmente, “dado que estas se levantam e combatem em seu próprio nome”. Corre-se assim o risco de cair em absurdos históricos, como colocar na boca de um autor algo que este não desejou transmitir. O primeiro destes absurdos históricos para Skinner é buscar aproximações entre textos que muitas vezes não dialogam entre si, e o segundo é dizer que uma idéia determinada nasceu em um momento determinado.

Deve-se levar em conta que a obra de um autor não é homogênea. Geralmente o historiador da idéias se prende em características definidoras de determinada disciplina para a qual o autor estudado contribuiu, sem levar em conta os desenvolvimentos da própria carreira do estudado, suas mudanças ideológicas, etc. O observador pode fazer uso de sua perspectiva privilegiada incorrendo no perigo “de que la familiaridad misma de los conceptos que usa el historiador enmascare alguna inaplicabilidad fundamental al material histórico” (SKINNER, 2000). A explicação da obra de determinado autor não pode se basear em elementos nos quais este não tinha acesso.

Ao apresentar a perspectiva de que a obra explica-se por si mesma, Skinner afirma que: “Lo cierto es que, cualquiera sera la opinión que ahora abracemos, el texto

em si mismo prueba ser insuficiente como objeto de nuestra investigación y comprensión.” Para ele se desejamos entender uma idéia dada, ainda dentro de uma cultura e época determinadas, não podemos nos concentrar apenas nas formas das palavras implicadas, por que essas palavras podem ter intenções diversas e incompatíveis e nem podemos esperar que o contexto de enunciação resolva necessariamente esse problema (SKINNER, 2000).

Debemos estudiar en su totalidad las diversas situaciones, que pueden cambiar de maneras complejas, en las que la forma dada de las palabras puede usarse logicamente: todas las funciones que las palabras pueden cumplir, todas las variadas cosas que pueden hacerse con ellas (SKINNER, 2000, p. 30).

Dessa maneira, ainda, que o estudo do contexto social do texto possa servir para explicá-los, isso não equivale a proporcionar os meios para sua compreensão. Assim, de uma maneira mais ampla é necessário também recuperar as intenções do autor. Nas palavras de Souza:

Neste sentido, deslocando a atenção do texto para o contexto e, ainda, para o criador do texto, Skinner esforçou-se por demonstrar que são nos atos de fala dos autores, em seu mundo mental e no repertório lingüístico de sua época que o historiador das idéias deve buscar a interpretação de textos (SOUZA, 2007, p. 161).

No entanto a perspectiva skinneriana também sofre críticas. A primeira do antiguarismo ou inutilidade desse tipo de história contextualista para a elaboração teórica:

Nessa direção, se os significados dos conceitos anteriores não são transponíveis para o presente senão por mecanismos ilegítimos de atualização, porque produtores de deformação dos sentidos originais, melhor seria, ou deixá-los a si e partir para uma elaboração da teoria sem referência histórica às idéias, ou assumir como inevitável a traição da tradução para o contemporâneo e operar como se (a título de ficção heurística) os autores do passado fossem parceiros nos temas do debate contemporâneo (JASMIM, 2005, p.5).

Marcelo Jasmin oferece a resposta para essa crítica levando em conta principalmente o trabalho de Jonh Pocock, “o centro de sua reflexão metodológica desloca-se para a relação entre várias linguagens políticas que no seu confronto sincrônico, conformam as tessituras lingüísticas na qual as diversas performances se

tornam possíveis e inteligíveis” (JASMIM, 2005). Nesse ponto Pocock realiza a desnaturalização da conceituação e dos horizontes teóricos contemporâneos.

A segunda linha de crítica defende que o Contextualismo Lingüístico tem inviabilidade cognitiva, dado que o significado original é inapreensível. Skinner responde essa crítica da seguinte maneira: a primeira é distinguindo os vários tipos de significado que uma proposição pode ter: “o significado das palavras enunciado na frase, o significado da proposição para mim ou para a comunidade contemporânea de intérpretes, e o significado da proposição como ato de fala daquele que a proferiu” e é somente para esse último que o seu método foi desenvolvido, e que trata-se de reconhecer através das convenções lingüísticas publicamente reconhecíveis em uma época, a intenção do autor do texto em questão. Um segundo caminho para responder essa crítica, passa em amenizar a certeza do método científico que é proposto, uma vez, que o que se obtém com a pesquisa é um grupo de hipóteses plausíveis, que não pretendem ser resultados finais e inquestionáveis (JASMIM, 2005).

História dos Conceitos ou *Begriffsgeschichte*

Um campo que se difere do anterior, mas que possui várias semelhanças é a História dos Conceitos Alemã. Falamos em História dos Conceitos, mais o que constitui um conceito na perspectiva koselleckana? Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito. Toda palavra possui um sentido, mas não são todos os sentidos atribuídos a uma palavra interessante para a História dos Conceitos, para esta interessam conceitos passíveis de uma teorização e cujo entendimento é também reflexivo (KOSSELECK, 1992, p. 134-146). Os conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos. O conceito é mais que uma palavra, e esta só se torna um conceito na medida em que as circunstâncias totais político-sociais se agregam a ela, como no caso do conceito de “Estado”, que engloba em si a idéia de um governo, um exército, cidadãos, etc. A História dos Conceitos nas palavras de Koselleck “tem por tema a confluência do conceito e da história” (KOSSELECK, 2006).

Em *Futuro Passado*, Koselleck afirma que sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e sobretudo não pode haver unidade na ação política. Por outro lado os conceitos se fundamentam em sistemas político-sociais, em complexas

comunidades lingüísticas organizadas sob conceitos-chave. No entanto, a História dos Conceitos é uma disciplina a parte da História Social.

Assim é interessante compreendermos os métodos utilizados. Koselleck afirma que a especialização da História dos Conceitos teve grande influência sobre as investigações da História Social. A exigência metodológica mínima é a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio de delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos do período estudado. Constituindo assim um método especializado da crítica de fontes, que atenta para termos relevantes do ponto de vista sócio- político (KOSSELECK, 2006).

Esse procedimento parte do objetivo de traduzir significados lexicais em uso no passado para nossa compreensão atual. Na segunda etapa os conceitos são separados de seu contexto situacional e seus significados lexicais investigados ao longo de uma sequência temporal, para serem depois ordenados em relação aos outros, de modo que as análises históricas de cada conceito isolado agregam-se a uma história do conceito. Nesse estágio o método histórico filológico sobressai. Dessa forma a História dos Conceitos se afirma como campo de pesquisa histórica (KOSSELECK, 2006).

O *Geschichtliche Grundbegriffe*, léxico considerado a consolidação da História dos Conceitos Alemã, abarca 120 conceitos e mais de sete mil páginas, que busca estabelecer uma correlação entre conceitos políticos e sociais e a continuidade ou descontinuidade das estruturas políticas, sociais e econômicas. O tema desse projeto é o que eram esses conceitos e como foram debatidos, se foram constantes ou se alteraram no tempo (RICHTER, 2006).

Richter ainda enumera contribuições do GG, sendo as três principais: oferecer descrições de como os conceitos-chave surgiram, se modificaram ou foram transformados, o que facilita o trabalho dos interessados em política e pensamento político. Em segundo, ajuda a evitar o anacronismo para esses estudiosos, evitando más interpretações. Em terceiro, permite aos especialistas em filosofia política perceber entre usos pretéritos e atuais (RICHTER, 2006).

No entanto, assim como o Contextualismo Lingüístico, a História dos Conceitos também sofre suas críticas. A mais famosa delas provém do próprio Skinner, ou seja, a incapacidade de se existir uma História dos Conceitos. A qual Koselleck responde da seguinte forma:

Um historicismo rigoroso, assim, vê todos os conceitos como atos de fala em um contexto que não pode ser replicado. Enquanto tais, os conceitos ocorrem apenas uma vez; eles não são substâncias, quase-idéias capazes de conduzir uma vida diacrônica de si próprio (...) os conceitos podem tornar-se antiquados por que os contextos nos quais se constituíram não mais existem. Portanto, embora os conceitos envelheçam, não possuem uma história autônoma (KOSSELECK, 2006, p. 100-101).

No entanto, a História dos Conceitos não pára aqui:

Os contextos originais dos conceitos mudam; assim também os fazem os significados originais ou subseqüentes transportados pelos contextos. A história dos conceitos pode ser reconstruída através do estudo da recepção ou, mais radicalmente, da tradução dos conceitos que, usados pela primeira vez no passado, são postos em uso pelas gerações posteriores. Portanto, a singularidade histórica dos atos de fala, que parecia tornar qualquer história dos conceitos impossível, na verdade cria a necessidade de se reciclar as conceituações passadas (KOSSELECK, 2006, p. 101).

Dessa forma a História dos Conceitos se afirma no campo do fazer historiográfico, como uma escola que ainda tem muito a oferecer aos estudiosos da história e como um método único na crítica de fontes escritas.

Possíveis aplicações dos métodos: Richard Morse e *O Espelho de Próspero*

Diante dessas duas vertentes apresentadas, que resumem o debate acerca da nova história das idéias surgido nos anos 1970, fazemos a opção de adotar um método semelhante ao proposto por Skinner, tentando analisar o ato de fala do autor para buscar a interpretação mais aproximada de sua intenção no momento de criação da obra, e conseguir compreender, desta forma, suas idéias e intencionalidades acerca do tema analisado. No caso deste artigo, a obra analisada foi *O Espelho de Próspero*, de Richard Morse. A idéia proposta é analisar de que maneira Morse explicou como correntes religioso-filosóficas influenciaram na constituição das identidades ibero e anglo-americanas, contrapondo as concepções jesuítica e puritana de colonização. Para dar forma a seu argumento, Morse retorna aos fins da Idade Média para mostrar como correntes religiosas que vigoravam na Inglaterra e na Espanha moldaram o caráter de pensamento que foi transportado para as colônias americanas.

Quando publicado no Brasil em 1988, o *Espelho de Próspero* desencadeou um cerco de polêmicas, tendo sido visto como a palavra de um norte-americano

supostamente encantado com a pobreza do Sul. Mas a intenção de Morse jamais foi esta. Após mergulhar de cabeça na cultura brasileira, devorando-a e deglutindo-a, e saindo completamente modificado de tal experiência, escreveu as considerações que demonstra no livro. Se nos atermos ao contexto no qual a obra está inserida, devemos pensar que esse é um momento marcado no Brasil por profundas mudanças políticas e culturais, no qual o país saía de um período ditatorial implementado pelos militares desde 1964 e enfrentava sobretudo graves crises econômicas, assim como um momento em que seu país de origem, os Estados Unidos, passava também por uma intensa crise de paradigmas. Para basear suas propostas de um novo olhar da cultura do norte para a cultura do sul, identificando-a como algo positivo, escreve sua primeira parte chamada *Pré-História*, onde demonstra as origens da tradição ibérica, mostrando que a América Latina é fruto de uma opção cultural (MORSE, 1988).

A análise do texto de Morse começa com a constatação do mesmo de que a pré-história européia tornou-se o pano de fundo da colonização do Novo Mundo, onde a Inglaterra vivia a primavera do poder mundial, e Portugal e Espanha, o outono. O que antes era uma parte da missão de se construir uma “história mundial” passou a se tornar uma obrigação, uma espécie de corrida para ver quem conquistaria o Novo Mundo. A civilização passou a ser um encargo, onde a preocupação geral era com a evolução, não com a história. No caso da Ibero e da Anglo-América, é importante termos em mente que a questão fundamental para se compreender suas respectivas tradições surgiram de uma mesma matriz moral, intelectual e espiritual, e que, dentro desta matriz forjada foram feitas opções e escolhas que vieram a definir os padrões da civilização ocidental. Do ponto de vista da América, Morse vê isso como uma coisa obscura, pois de um lado o continente era dominado pelas tradições ibérica e britânica, enquanto outras culturas importantes como a italiana e a francesa eram deixadas de lado; e por outro lado, os povos americanos ficaram à margem da História, uma vez que tiveram a sensação de começar a partir de uma nova base, mas na verdade estavam vivendo a continuação do momento de suas metrópoles, ou seja, as colônias americanas foram o resultado da opção feita por suas metrópoles.

Ao analisar a opção adotada pela Ibéria, Morse nos mostra que a Espanha pouco se influenciou pela Reforma Protestante, pelo Renascimento em sua forma italiana ou por alguma teoria do contrato social. O que na perspectiva de Richard Morse, não

constituiu uma coisa ruim, pelo contrário, deu importantes contribuições a filosofia do Direito e a modernização da metafísica. Ou seja, mesmo furtando-se às “grandes revoluções” do pensamento corrente, a Ibéria foi sensível as tendências advindas de outras partes da Europa, mas soube absorvê-las internamente. O que torna evidente que as tradições européias que deram forma à Ibero-América foram essencialmente Ibéricas. Neste momento, a vida intelectual espanhola era baseada no consenso com o restante da sociedade, em um momento de extrema tolerância, e isso se refletia em certos pontos sobre a natureza do governo, tais como as fontes de legitimidade, o alcance do seu poder de sua missão civilizadora. Neste período de fervor intelectual, as universidades se tornaram fontes indispensáveis de letrados para integrar a administração que estava em franca expansão.

Analisando a questão religiosa-filosófica, Morse diz que o contato com os mouros permitiu a entrada das obras aristotélicas na Ibéria, obras estas que continham idéias que vinham do conflito travado com a concepção cristã dominante na península. Com isso, São Tomás de Aquino busca “cristianizar” o aristotelismo, buscando equilibrar a fé com a razão. A adesão ao tomismo como forma de pensamento pode ser vista como uma opção cultural, resultando em uma nova filosofia cristã que fortaleceu a fé católica, sendo chamada por ele de Modernidade Medieval, onde ciência e religião permaneceram conectadas, mas tendo na teologia uma orientadora. Logo, Espanha e Portugal contavam com um programa nacional e com instituições legitimadas que se ajustavam à visão aristotélica tomista, ou seja, dentro de uma matriz teológica moral e filosófica.

Já o caso inglês tomou um rumo diferente do ibérico. Duns Scot e Guilherme de Occam separaram radicalmente fé e razão, pois acreditavam na oposição entre fé e ciência. Morse chama esse movimento de Modernidade Moderna, onde manteve-se a separação entre ciência e fé, invertendo as prioridades: caberia a ciência, e não à religião, moldar a visão de mundo. Ao contrário da Ibéria, a Inglaterra não apresentava um programa nacional organizado, se encontrando em conflitos internos, incluindo disputas dinásticas e religiosas, que levaram a elaborações que visavam a manutenção da ordem através de uma base racional e individualista.

Logo concluímos que Morse defende que a Espanha estava absorvida em um programa nacional estabelecido com muito mais clareza do que qualquer outro povo

européu da época, e possuía instituições político-religiosas melhor legitimadas para construir uma colonização na América. Por conviver desde os primórdios com correntes conflitantes de pensamento, que conseguiram coexistir e criar um ambiente baseado na convivência, trouxe para a Ibero-América uma característica de tolerância muito maior do que o puritanismo levou para a Anglo-América, de convívio entre idéias antagônicas, mas que coexistiam e conseguiram se adaptar ao novo continente.

Conclusão

A nova história das idéias constituiu uma nova forma de análise de discursos, ensaios, livros e obras literárias, fontes preciosas para se conhecer e interpretar o pensamento de uma época. Ambas as vertentes da chamada história das idéias, tanto, o Contextualismo Lingüístico, quanto a História dos Conceitos alemã, mostram ao historiador novas ferramentas para a interpretação de textos históricos. O Contextualismo Lingüístico da Escola de Cambridge, embora aceite que o contexto influi na produção da obra, o autor não deve ser encarado como uma massa passiva no mar dos acontecimentos. Sua singularidade deve ser levada em consideração na análise do seu discurso. Sua formação, influências acadêmicas e pessoais, interferem de maneira notável na produção da obra. Richard Morse é um autor singular, com idéias inovadoras que influenciaram e influenciam inúmeros historiadores. Para compreender as proposições de Morse em *O Espelho de Próspero* é interessante compreender sua trajetória intelectual e sua paixão pelos vizinhos do Sul.

Por outro lado, ao apresentarmos aqui o discurso de Kosseleck e a História dos Conceitos, compreendemos que o que apresentamos ao tratar de Morse, por exemplo, não exclui a perspectiva adotada por tal vertente, uma vez que, é necessário compreender os conceitos empregados pelo autor para se entender o momento da fala do mesmo. Dessa forma para todos os campos do conhecimento, sobretudo para o campo historiográfico, interpretar as fontes escritas, sem incorrer no anacronismo é fundamental para a produção de um trabalho de qualidade.

Podemos buscar na fala de Morse seu objetivo, ou seja, construir uma obra que demonstrou que o processo de colonização ibero-americana foi mais bem sucedido do que o anglo-americano. Nas palavras de Morse:

Há dois séculos um espelho norte-americano tem sido mostrado agressivamente ao Sul, com conseqüências inquietantes. Talvez tenha chegado o tempo de girar a superfície refletora. Num momento em que a Anglo - América experimenta uma crise de autoconfiança, parece oportuno confrontar-lhe a experiência histórica da Ibero - América, não mais como um estudo de um caso de desenvolvimento frustrado, mas como a vivência de uma opção cultural (MORSE, 1988, p. 28).

Morse buscou mostrar que o lado intelectual e religioso do homem espanhol foi fundamental para que se constituísse na Ibero - América uma visão compreensiva e unificadora, baseada na vontade geral e na tolerância.

Referências bibliográficas

JASMIM, Marcelo Gantus. História dos Conceitos e Teoria Política Social: referências preliminares. In: *RBC*. Vol. 20. n. 57, fevereiro de 2005, p. 27-38.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br/brjindex.php/preharcleviewARTICLE1945.pdf. Acesso em junho de 2011.

_____. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.134-146. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br/brjindex.php/preharcleviewARTICLE1945.pdf . Acesso em junho de 2011.

_____. *Futuro Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos*: Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2006.

MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero: culturas e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

POCOCK, Jonh. Conceitos e discursos: uma diferença cultural? Comentários sobre o paper de Melvin Richter. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES, João Jr. *História dos Conceitos: Debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de Escala: A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SKINNER, Quentin. Significado y Compresión em La historia de las ideas, In: *Prismas: Revista de História Intelectual*, s.v, s.n, 2000. Disponível em : <

http://4s.io/document/wFigR7J6/Quentin_Skinner_-_Significado_.htm> Acesso em 15 de junho de 2011.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Gilberto Freyre e as razões do Otimismo. In: *Identidade Nacional e Modernidade Brasileira*. Belo Horizonte: Autentica 2007.